

A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO DE HISTÓRIA EM MOÇAMBIQUE

Denisse Kátia Soares Omar¹

Recebido em: 18/08/2021

Aprovado em: 22/11/2021

Resumo

O presente artigo tem como objectivo fazer uma reflexão sobre a importância da história local para o ensino de história em Moçambique. Neste âmbito, a história local é aquela que permite investigar uma região ou lugares, onde os alunos estão inseridos. E nos tempos actuais ela é vista como uma ferramenta indispensável no processo de ensino e aprendizagem. É neste contexto que no primeiro momento deste artigo apresento a percepção da história local. Num segundo momento analisa-se a importância da valorização da história local para o ensino de história. E por fim apresentam-se as estratégias de inserção da história local no ensino em Moçambique. Neste sentido, para realização deste artigo levou-se em consideração uma análise bibliográfica buscando-se perceber o tópico a partir dos materiais e documentos existentes.

Palavras-chave: História local; ensino de história; Moçambique.

The importance of valuing local history in the teaching of history in Mozambique

Abstract

This article aims to reflect on the importance of local history for the teaching of history in Mozambique. In this context, local history is one that allows us to investigate a region or places where students are located. And nowadays it is seen as an indispensable tool in the teaching and learning process. It is in this context that, in the first moment of this article, I present the perception of local history. In a second moment, the importance of valuing local history for the teaching of history is analyzed. And finally, the strategies for inserting local history in teaching in

¹ Professora na Universidade Rovuma, Moçambique. Doutoranda em História de África Contemporânea. E-mail: denissekatiaomar@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8526-8748>

Mozambique are presented. In this sense, to carry out this article, a bibliographic analysis was taken into account, seeking to understand the topic from the materials and documents existing in Archives, focusing mainly on the documentation that gave more impetus and clarity to the research.

Keywords: Local history; history teaching; Mozambique.

Introdução

O presente artigo tem como objectivo fazer uma reflexão sobre a importância da valorização da história local no ensino de História em Moçambique. Moçambique, é um país que tem a sua história marcada por um processo de colonização efectuada por Portugal durante cerca de 500 anos. Durante todos esses anos o Governo colonial procurou de todas as formas esmagar a história local do povo moçambicano especialmente no ensino partindo do princípio que este povo precisava passar por um processo de civilização e criar uma nova história aliada a uma nova identidade. Para tal fez-se valer da política de missão civilizacional que visava transformar os “indígenas”/moçambicanos em europeus de pele negra.

No entanto, Moçambique chega a independência, em Junho de 1975, e o novo Governo independente sob gestão da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), foi obrigado a reorganizar todo o currículo do sistema de educação, pois o novo currículo escolar deveria espelhar a nova realidade social e política do país, neste âmbito visava formar o “Homem Novo” para a nova sociedade que acabava de se implantar. Nesta sequência, a primeira tarefa do novo governo, foi eliminar do sistema educativo todos os objectivos e conteúdos que faziam referência ao sistema colonial. Nesse sentido, a disciplina de história foi a que mais sofreu profundas transformações, porque o currículo colonial desta disciplina ignorava quase na sua totalidade a história de Moçambique e, quando tratada aparecia conectada à história do “império colonial português”. A partir desta ideia, percebe-se que a abordagem colonialista deturpava e invertia os processos da história moçambicana. E das poucas abordagens feitas a história do povo moçambicano, esta aparecia relacionada a chegada dos portugueses, ao fenómeno da penetração e a dominação colonial. Nesta ordem de ideias, a disciplina de história, assim como muitos textos de

leituras propostos para a disciplina da língua portuguesa e a religião constituíam a base ideológica de sustentação do sistema colonial.

É nesta sequência que na primeira parte deste artigo apresento a percepção da história local por vários autores. Na segunda parte procura-se debruçar sobre a importância da história local para o ensino de história em Moçambique. E finalmente apresentam-se as estratégias para inserção da história local no Ensino Básico em Moçambique.

Para realização deste artigo levou-se em consideração uma análise bibliográfica feita a partir dos materiais e documentos existentes nas bibliotecas, o que permitiu aprofundar o assunto estudado ao mesmo tempo que permitiu fazer uma descrição mais clara dos fatos. Portanto, centrou-se principalmente nas referências que mais deram ímpeto e clareza à pesquisa.

1.A Percepção sobre a História Local

A história como disciplina procura buscar no passado elementos para compreender o presente e a história local é aquela que procura explicar a história a partir de um contexto geográfico e muitas vezes incorpora aspectos culturais e sociais da história de um determinado povo. Nesta senda, numa linguagem comum a história local pode também ser entendida como uma categoria de estudos históricos que contribui para a construção dos processos interpretativos sobre as formas como os atores sociais se constituem historicamente em seus modos de viver, situados em espaços que são socialmente construídos e repensados pelo poder político e económico na forma estrutural de bairros, localidades e cidades. Nesta óptica Goubert (1988, p.70) salienta que a história Local é aquela que diz respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital, estão além do âmbito local), ou uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum. De acordo com Figueira e Miranda (2012, p. 115), “história local refere-se ao conhecimento histórico da perspectiva local enquanto objeto de conhecimento e como espaço de referência para o conhecimento”.

Para Vendrascolo e Gandra apud Bossi (1994, p.30) referem que a história local significa optar por temáticas ligadas ao espaço e ao quotidiano das comunidades específicas que por certo, ficariam sem atenção nas abordagens genéricas. O estudo dos temas locais opera, assim, em escala de observação específica, com possibilidade de experiências próximas aos documentos, bibliotecas e testemunhos de pessoas que viveram factos históricos num passado recente e que são fontes vivas do quotidiano vivenciado por essas comunidades”.

Para Bittencourt (2011, p.50), a História local geralmente se liga a história do cotidiano “[...] ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram desse entrecruzamento de histórias”. Ainda para este autor a história local no ensino da história não significa apenas estudar a História de uma cidade ou bairro em que o aluno vive ela vai muito além.

Nesta ordem, pode-se dizer que a história local na sua essência se conecta à história do dia-à-dia ao tornar os indivíduos como participantes de uma história aparentemente privada de relevância e estabelece relações entre os grupos sociais de diferentes condições que participaram de forma directa ou indirecta de histórias, tanto no presente quanto no passado. Pode-se também salientar que a história local se constitui pela valorização de histórias particulares e de diversidades. Ela é também vista como o ponto de partida para a formação de uma identidade local/regional.

2. A importância da valorização da História local no ensino de História em Moçambique

A história local torna-se importante no processo de ensino de história a partir do momento em que passou a ser incluída nos programas curriculares, isto com intuito de colocar os alunos desde as classes iniciais em contacto com seu dia-a-dia na sala de aulas. Portanto, a história local auxilia os alunos na percepção sobre o seu passado e a serem mais interactivos no processo de ensino e aprendizagem colocando-os como atores principais no processo de construção histórica a partir do

conhecimento que os próprios adquirem nas suas vivências e que muitas vezes esse conhecimento fica fora da educação formal.

Como salienta Buczenko (2013, p.4) o estudo da história local é uma opção metodológica que enriquece e inova a relação de conteúdos a serem abordados, além de promover a busca de produções historiográficas diversas. Nesta senda Brasil (1998, p.20) refere que para ensinar História a partir da experiência de vida do aluno, é necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, das memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais. É preciso dar voz à histórias desses sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados.

Na perspectiva de Neves (1997, p.7), “[...] a construção do conhecimento a partir da vivência, portanto, do local e do presente, é a melhor forma de superar a falsa dicotomia entre a produção e a transmissão, entre pesquisa e o ensino/divulgação, enfim, entre o saber e o fazer”. Enquanto isso, Proença (1990, p.50) argumenta que nos tempos que correm o uso da história local visa tirar proveito das novas metodologias e cujos temas poderão ter um impacto didático positivo e motivador para os alunos.

Para Giroux e Simon (1994, p.60), as abordagens ligadas a história local apresentam um ganho pedagógico para os alunos ao tornar *disponíveis narrativas, lendas e memórias que foram excluídas ou silenciadas nas interpretações dominantes da história*. Para Constantino (2004, p.174) a importância da história local reside no facto de que ela permite conhecer a realidade do processo histórico local e regional e, ao mesmo tempo torna-se indispensável à identidade do grupo humano. Além de que, satisfaz a necessidade de entender o que está próximo de nós e muitas vezes está directamente relacionado a nossa vida social, económica e cultural.

No caso de Moçambique, o uso da história local durante o processo de ensino torna-se cada vez mais frequente e relevante nos tempos que correm, pois muitas crianças antes de ingressarem para a escola formal passam por um processo de ensino tradicional, ou seja, ensino administrado no meio familiar/comunitário.

Neste sentido, o ensino tradicional, era/é feito de acordo com o sistema tribal, do clã familiar para que a criança pudesse dotar-se de uma identidade que lhe permitisse

não apenas conviver no meio, mas também contribuir para o seu próprio meio (CIPIRI, 1996, p.50). Ainda para este autor, o currículo do ensino tradicional era composto de elementos falatórios, como o caso de contos e cantos, anedotas, adivinhas, histórias, lendas e mitos e por outro lado por elementos práticos que dependiam do tipo de trabalho que a tribo e o clã se identificavam tal como pesca, caça, tapeçaria, artesanato, olaria entre outras actividades. Portanto, ao conjugar estes ensinamentos do meio familiar com os elementos formais do sistema de educação, o ensino de história torna-se atractivo aos alunos, enriquecendo assim o seu nível de aprendizagem.

Assim, pode-se dizer que é relevante no ensino de história o uso de história local pois, fornece estratégias teórico-metodológicas para o avanço do processo de ensino e aprendizagem em sala de aula que valorizam a história de vida de seus alunos. Ou seja, a utilização da história local como estratégia pedagógica é uma maneira interessante e importante para articular os temas trabalhados em sala de aula. O papel do ensino de história na configuração identitária dos alunos, é de fundamental importância razão pela qual deve-se considerar nos currículos o estudo da história local.

Entretanto, em Moçambique a valorização da história local no ensino ganha espaço a partir da década de 1990 com a introdução da nova Constituição da República e com a implementação da lei n.º 6/92 do sistema de educação. Até este período não se tomou em consideração a valorização dos saberes locais, pois segundo Gómes (1995, p.60), o ensino implantado, após a independência, não conseguiu superar totalmente o autoritarismo da escola colonial, levando-a a impor e não a propor, discutir, dialogar os valores, as diferentes concepções políticas, económicas e culturais. Ou seja, o sistema de ensino, neste período, não conseguiu fazer um alinhamento com o novo quadro político, pois este distanciava-se das questões culturais, dando espaço a valores culturais externos, ou seja, logo após a independência não houve uma atenção especial para as especificidades culturais que caracterizam o país. O Governo pautou por combater as tradições, pensando que

estaria a modernizar a escola, mas, como consequência, esta postura retirou muitas crianças do sistema.

Para Mazula (1995), nas suas análises sobre educação, conclui que das relações entre educação e a cultura, tanto no período colonial como no período pós colonial, os sistemas educativos estavam assentes em bases teóricas e interesses diferentes, apresentavam o fenómeno da cultura local como explicação para o insucesso. Enquanto o sistema colonial baseava-se em teorias racistas e discriminatórias como o da carência cultural, o sistema proposto no Moçambique independente procurou, sob o signo de negação, romper com essas práticas. Esta iniciativa levada a cabo pela FRELIMO, iniciou nas “zonas libertadas” e depois massificada no país independente através do projecto da formação do “homem novo”.

Segundo Ngoenha (2000, p.70), a educação devia-se inscrever nas realidades culturais, pois a dimensão cultural do facto educativo tem o seu substrato nas normas e nos valores instituídos pela sociedade: todo o projecto de educação depende do projecto da sociedade em que esta inserido. Neste sentido, o autor salienta que as normas e os valores da sociedade moçambicana, actualmente, são híbridas, porque apoiam-se num duplo registo - “tradição africana” e “modernidade ocidental”, parcialmente, imbricados um no outro. Ou seja, os valores da sociedade moçambicana tendem a ocidentalizar-se e a educação formal não escapa a essa tendência. Para Ngoenha, era necessário interrogar o potencial de experiências (línguas nativas), em termos de “re-africanização” que os projectos poderiam comportar.

De acordo com o exposto por estes estudiosos moçambicanos a colocação da história local no ensino de história é importante porque permite que os alunos tenham contacto com a história do seu local de origem, ou seja, com a região que é uma referência no processo de construção de sua identidade. Moçambique é um país dividido em regiões norte, centro e sul e cada uma destas apresenta características próprias e são entendidas por meio de uma série de elementos que as compõem.

Neste contexto o local deve ser visto como o espaço de atuação do indivíduo, pois, o ensino de história local cria a oportunidade de se fazer uma a reflexão

permanente acerca das ações e reacções dos indivíduos que habitam numa determinada região como sujeitos históricos. Neste âmbito, a história local no ensino não deve ser tratada apenas como um conteúdo a ser ensinado, mas também como uma técnica ou estratégia pedagógica que auxilia em termos metodológicos a perceber os conteúdos a partir da realidade local dos alunos. Ela deve ser escrita a partir das novas fontes: os hábitos e costumes dos povos, da memória dos mais velhos, das mutações que ocorreram desde o período pré-colonial, colonial até às independências dos povos africanos.

Actualmente, o estudo da história local constitui o ponto de partida da aprendizagem histórica, principalmente quando auxiliada pela história oral que permite fazer abordagens de cenários mais antigos e próximos em que se inserem as relações sociais e culturais entre os professores, os alunos e o meio familiar. Nessa perspectiva, o ensino-aprendizagem da história local configura-se como um espaço-tempo de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, referência para o processo de construção das identidades destes sujeitos e de seus grupos de pertença. Portanto, a história local procurar identificar as dinâmicas e transformações do espaço/lugar e articular aos processos das relações externas.

Portanto, percebe-se que a partir da integração dos conteúdos ligados ao cotidiano dos alunos no processo de ensino-aprendizagem contribui para melhoria da relação professor-aluno articulando uma troca de informação significativa, onde os alunos, na condição de sujeitos activos e portadores de saberes estabelecem com o professor uma dinâmica de aprofundamento e de entendimento mútuo (IOKOI, 2001, p.4).

3.Estrategias para inserção da história local no Ensino Básico em Moçambique

Com vista a suprir a falta de relevância do ensino, o Ministério de Educação começou em 2002, a introduzir o Novo Currículo para o Ensino Básico, visando torná-lo mais apropriado à realidade económica, cultural e social de Moçambique. Este novo currículo visava reformular o introduzido em 1983 pela lei n.º4/83, de 23 de Março, e revogar a que foi reformulada em 1992 pela lei n.º6/92, de 6 de Maio.

Nesta óptica das várias inovações feitas neste currículo o que nos chamou atenção foi a introdução do currículo local. Segundo MINED² (2003, p.40), o currículo foi dividido em duas partes, uma contendo os conteúdos definidos a nível central constituindo 80% e os restantes 20% ficaram ao critério local, sendo definidos pelas comunidades com base nas suas necessidades. Segundo Castiano (2005, p.186), considera-se como parte da comunidade todos os intervenientes na educação dos alunos nomeadamente professores, alunos, líderes comunitários, pais/encarregados de educação, representantes das diferentes instituições (saúde, cultura, agricultura, ambiente, policia entre outras), representantes das diferentes confissões religiosas e organizações comunitárias. A ideia com o currículo local, era de abrir mais espaço para os saberes locais entrarem na escola desde a base.

Sob esta égide, o Currículo Local tem como principal objectivo formar cidadãos capazes de contribuir para a melhoria da sua vida, da vida da sua família, da sua comunidade e do seu país, tendo em conta as necessidades e potencialidades locais, com vista a combater a vulnerabilidade. O local não é um espaço que pode ser determinado apenas geograficamente. Efectivamente, compreende o espaço em que se situa a escola comportando consigo toda uma gama de vivências e anseios da comunidade em que esta inserida (INDE, 2003, p.60). Foram ainda introduzidas questões transversais como os direitos humanos, a saúde sexual e reprodutiva, HIV e SIDA, género e habilidades para a vida.

Em Moçambique vários estudiosos preocupam-se com a questão da falta de conteúdos curriculares que fazem referência a história local ou aos saberes locais que normalmente estão ligados a cultura do dia-a-dia dos alunos. Um exemplo claro desta preocupação é o estudo de Basílio (2006, p.77), no qual discute a questão de Saberes Locais e o Novo Currículo do Ensino Básico com finalidade de resgatar esses saberes para a escola. Na sua discussão, o autor aborda a institucionalização do currículo local que abre a possibilidade de integrar os conteúdos e as práticas locais nos programas de ensino, cuja finalidade é reduzir a distância entre a cultura da escola moderna e a cultura tradicional local como forma de resgatar os saberes locais para a escola. Esta

² MINEDH - Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (Governo de Moçambique).

tese sustenta que as escolas devem resgatar a cultura autóctone e o seu valor intrínseco. A inclusão dos saberes locais na escola pode facilitar a aprendizagem e contextualizar as condições socioculturais locais. Com a introdução do currículo local, cria-se um espaço de convivência dos saberes locais e universais e lança-se um desafio aos professores no sentido de serem responsáveis pela produção e sistematização do conhecimento.

A necessidade de melhorar o processo de aprendizagem na escola e enraizar o aluno na sua respectiva cultura é que levou a transformação do Currículo do Ensino Básico em Moçambique. A partir da reforma curricular, a presente pesquisa, centra-se nas percepções sobre os saberes locais e avalia os métodos de integração de conteúdos e práticas locais relevantes nas escolas.

Para Basílio (2006, p.79), a cultura deve ser um dos potenciais fortes na construção de um currículo, sobretudo quando se trata de um currículo que queira adequar-se aos contextos locais e regionais, pois a cultura é fruto da construção humana. A cultura nasce com o espírito humano. Nela estão inscritos os saberes locais. A escola, ao socializar o conhecimento, difunde a cultura. Assim, a cultura deve ser reconhecida, respeitada e resgatada para a escola.

Enquanto estratégia de aprendizagem, a História Local, pode garantir o domínio do conhecimento histórico. Seu trabalho no ensino possibilita a construção de uma História mais plural, que não silencie a multiplicidade das realidades.

O estudo de Bonnet (2002, p.90), cujas análises cingem-se a província de Nampula, faz uma reflexão sobre a relevância do *ethos* e do currículo da educação autóctone tradicional (como experiência cultural acumulada no processo do ensino-aprendizagem autóctone), e procura a partir deste cenário fazer uma abordagem sobre a construção do currículo do Ensino Básico, propondo soluções complementares e alternativas que ajudem a estancar a violência cultural, o desprezo pela cultura autóctone tradicional que caracteriza a escola oficial moçambicana, como resultado da imposição de currículos irrelevantes para a vida real das crianças. Este autor salienta que os conteúdos, métodos e meios de ensino adoptados nos currículos vigentes nada têm a ver com as matrizes culturais do país, da realidade sociocultural em que essas

crianças vivem, o que contribui para a fragilização da participação zonal e, conseqüentemente, concorre também para a exclusão. O autor acredita que a participação local nos currículos seria a contribuição das comunidades para a melhor inserção sociocultural da escola oficial. Busca exemplos de pais e comunidades que participam na (re) construção das escolas nas regiões rurais, zonas periféricas das urbes e mesmo nas cidades, e sugere que estes também poderiam ser solicitados para apoiar a escola na identificação de aspectos da cultura local para o enriquecimento do processo do ensino-aprendizagem como danças, canções, histórias locais, aspectos da educação tradicional relevantes para o enriquecimento e melhoria do currículo oficial, tornando-o mais próximo da realidade.

Na sua pesquisa, Bonnet (2002, p.92) faz uma análise sobre o currículo escolar da população macua e enfatizar a fraca participação das raparigas na educação formal e alia esta situação a alguns factores ligados ao próprio currículo escolar que, muitas vezes, não incluía as questões ligadas à cultura, o que traz conseqüências como reprovações, desistências. Em suma, a educação tradicional, a idade avançada (provocada pelo tardio ingresso na escola justificada pela passagem pelos Ritos de Iniciação feminina) e alguns tabus estereotipados comprometem a educação formal das raparigas³ na província de Nampula.

Na óptica de Zumbire (2020, p.294), a pertinência da história local nos currículos reside pelo facto de esta constituir um dos elementos fundamentais para a revindicação e o resgate da cultura, história e identidade locais dos povos cujas suas manifestações culturais e históricas são marginalizadas.

Considerações finais

Com este artigo considera-se que é importante valorizar a história local no processo de ensino de história, pois, contribui para a formação de sujeitos

³ Rapariga no contexto Moçambicano refere-se a um indivíduo de sexo feminino; designa ainda menina, mulher nova.

conhecedores de sua própria história que se tornam capazes de reconhecer e valorizar as suas origens, sua história passada.

Considera-se também que o ensino da história a partir da história local transporta consigo evidências indispensáveis para o desenvolvimento e aproveitamento pedagógico dos alunos. Considera-se ainda que a inclusão da história local no ensino constitui uma agregação de valores, visto que hoje em dia vivemos num mundo globalizado onde a circulação das massas, Mídias e transporte de mercadorias é mais flexível e o contato entre os vários continentes constitui uma realidade, o que interfere nos hábitos e costumes dos próprios alunos e seus familiares.

Portanto, o processo de aprendizagem do ensino de história com base no recurso a história local facilita, também, a percepção dos alunos, em relação ao cotidiano familiar, bem como de histórias suas que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico formal.

REFERÊNCIAS

- BASILIO, Guilherme. **Os saberes locais e o novo currículo do ensino básico**. Dissertação de Mestrado em Educação e Currículo, apresentada PUC. São Paulo, PUC, 2006.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. Editora Cortez: São Paulo, 2009.
- BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa, Europa-América, 1997.
- BONNET, João Alberto de Sá. **Ethos Local e Currículo Oficial: Educação Autóctone Tradicional Macua e Ensino Básico em Moçambique**. Tese de Doutoramento em Educação/ Currículo apresentada a PUC, São Paulo, 2002.
- BOSSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia de Letras.1994

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental 3º e 4º Ciclos – História. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUCZENKO, Gerson Luiz. “História local e identidade: o ensino de história nos anos iniciais”. In: **Revista do XXVII Simpósio Nacional de História de Conhecimento Histórico e Dialogo social**, Natal, RN, Julho de 2013, pp.1-17

CONSTANTINO, Núncio Santoro. “O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local”. São Leopoldo, **Revista UniSinos** n.º10, 2004.

FIGUEIRA, C. R.; MIRANDA, L. L. **Educação Patrimonial no ensino de História dos anos finais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas**. São Paulo: Edições SM, 2012.

GIROUX, Henry & SIMOM, Roger. **Cultura Popular e Pedagogia Crítica: A Vida Cotidiana Como Base Para O Conhecimento Curricular**. In: MOREIRA, Antônio F. B. e Silva, Tomaz Tadeu (orgs.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

GÓMES, Miguel B. “Democracia, Cidadania e Escola”. In: MAZULA, Brazão (Org.). **Eleições, Democracia e Desenvolvimento**. Maputo: Impresa, 1995, pp.343-372.

GOUBERT, Pierre. História Local. **Revista Arrabaldes – Por Uma História Democrática**. Rio de Janeiro. n. 1, maio/ago, 1988.

IOKOI, Zilda Marcia Gricoli. **História local do processo de alfabetização de crianças, jovens e adultos do Município de Diadema: guia do usuário**. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2001.

MAZULA, Brazão. **Educação, cultura e ideologia em Moçambique, 1975-1985**. Porto: Afrontamento, 1995.

MINED. **Plano Estratégico da Educação (1999-2003)**. Maputo: MINED, 1998.

NGOENHA, Severino Elias. **Estatuto e Axiologia da Educação**. Maputo: Livraria Universitária da UEM, 2000.

NEVES, Joana. **História Local e Construção da Identidade Social**. Saeculum – Revista de História. João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997.

PROENÇA, Maria Cândida. **Ensinar/Aprender História**. Lisboa: Horizonte, 1990.

ZUMBIRE, Oscar Modesto Castiano. “O ensino da história local no ensino básico e a formação da identidade cultural em Mucupia (Moçambique) ”. In: **Revista de Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem-Estar**, ano 4, vol. IV, n.º 2, Jul-Dez, 2020, pp.292-305.